

CARREIRAS



Quadros para pesquisa empresarial

Multinacional promove competição sobre inovação de olho em futuros cientistas

Um dos caminhos adotados por empresas, no momento de impulsionar os investimentos em inovação, é o estabelecimento de parcerias com universidades ou centros de pesquisa. Outra via é voltar os olhos para profissionais que acabaram de deixar a universidade e ambicionam uma carreira como pesquisadores dentro de empresas. Para a Henkel, multinacional alemã fundada em 1876 e que atua nos setores de limpeza, cosméticos e adesivos, quanto mais cedo a aproximação com estudantes acontecer, maiores as chances de estimular, desde cedo, o gosto pela pesquisa e de fazer com que os jovens criem laços com a pesquisa empresarial.

Em 2007, a empresa criou o Henkel Innovation Challenge, uma competição global anual na qual alunos de graduação e pós-graduação dedicam-se na criação de projetos inovadores com vistas a serem executados em 2050.

“A disputa é uma oportunidade de estar presente entre os estudantes como um empregado e também de conhecer jovens talentos de todo o mundo”, diz Manuel Macedo, presidente da Henkel no Chile e diretor de adesivos de consumo no Mercosul. Além de prêmios materiais, como viagens e *tablets*, os participantes têm a oportunidade de entrar em contato com gerentes da Henkel, que atuam como mentores das

equipes. A competição também representa uma oportunidade de trabalhar na empresa: em sete anos, cerca de 130 estudantes foram contratados.

Neste ano, uma equipe brasileira venceu a final regional da América Latina, superando o México – país com tradição no evento – e a Colômbia, que participou pela segunda vez na competição, assim como o Brasil. Os alunos de mestrado do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) Daniel Minatelli, de 23 anos, e Fernando Luengo, 25, chegaram à final do evento, realizada em abril na Alemanha, na qual participaram estudantes de 30 países. Os brasileiros

pesquisam o uso de biopolímeros, como proteínas, amido e celulose, para a regeneração de tecidos humanos. Quando souberam do torneio, tiveram a ideia de desenvolver um novo adesivo totalmente biodegradável. “A partir do lixo gerado pela sobra de alimentos, por exemplo a casca da batata, é possível extrair amido e, com ele, produzir um adesivo que pode ser usado em embalagens de alimentos”, explica Luengo. “Além de ser biodegradável, e poder servir como adubo no pós-consumo, o material não seria tóxico.”

O projeto não venceu a competição, mas a experiência abriu os olhos de Luengo para uma forma de conceber a atividade de pesquisa diferente da que ele tinha anteriormente. “Vimos que nossa pesquisa tem potencial para ultrapassar as fronteiras da universidade e ir além dos limites de nosso laboratório”, diz ele. Isso porque a competição também se apoia na percepção de que o pesquisador precisa ter consciência das dimensões econômicas de seu projeto. Segundo Luengo, ao longo das três etapas o participante é estimulado a pensar em estratégias de negócios capazes de tornar viável o projeto.

“É necessário que o candidato tenha criatividade e capacidade analítica para desenvolver um conceito claro e consistente, levando em consideração as necessidades do mercado”, salienta Manuel Macedo. Por isso, diz ele, o interesse da Henkel não é pelos produtos propostos pelos inscritos. “Esse não é o foco do desafio, e sim potenciais criativos e inovadores dos estudantes. Os projetos são somente considerados como dicas de tendências para o futuro”, diz Macedo

TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Da Baviera para a reitoria

Físico alemão comanda uma das mais jovens universidades brasileiras



Aos 45 anos, o físico alemão Klaus Capelle, recém-empossado como reitor da Universidade Federal do ABC (UFABC), apresenta uma

trajetória incomum. Fez a graduação e obteve os títulos de mestre e doutor na Universidade de Würzburg, instituição situada em uma pequena cidade homônima do norte da Baviera que contabiliza mais de 600 anos de história e 14 prêmios Nobel em seu currículo. A dissertação de mestrado, de 1993, e a tese de doutorado, de 1997, ganharam em suas respectivas categorias o prêmio de melhor trabalho do ano da Faculdade de Física e Astronomia da universidade. Especialista em física da matéria condensada e em química quântica, Capelle tinha credenciais acadêmicas para desenvolver uma carreira de sucesso em sua terra natal.

Mas, logo após o término do doutorado, optou por uma bolsa de estudos em um país tropical onde passara férias nos anos 1990. “A reputação do Brasil na Alemanha era boa e eu sabia que a Universidade de São Paulo (USP) era uma excelente universidade”, diz o físico. “Achei que seria um grande desafio ir para um país com uma cultura diferente e uma ciência mais jovem do que a alemã.” Capelle desembarcou no Instituto de Física de São Carlos (IFSC-USP) ainda em 1997 com a ideia inicial de fazer um pós-doutorado sob a supervisão do professor Luiz Nunes de Oliveira e, depois de um ano, voltar para a Europa. Não foi o que ocorreu. De 1999 a 2003 tornou-se bolsista do programa Jovem Pesquisador da FAPESP no Instituto de Química de São Carlos da USP. Durante

esse período e nos anos seguintes, passou também temporadas como pesquisador visitante nas universidades de Missouri (EUA), Bristol (Inglaterra), Lund (Suécia) e Livre de Berlim.

“Poderia ter voltado para a Alemanha ou ter ido para a Universidade de Bristol, onde tinha recebido um convite, mas optei por ficar no Brasil”, diz o físico, que foi professor do IFSC de 2003 a 2009. “Na Europa estaria apenas lapidando um sistema já estruturado, talvez trabalhando em uma universidade com uma história de centenas de anos. Aqui posso ajudar a construir algo novo.” A capacidade de improvisar e de ser flexível diante das adversidades, qualidades normalmente associadas aos pesquisadores brasileiros, é um dos traços nacionais que mais entusiasma Capelle, autor de mais de 90 artigos publicados em revistas científicas e avaliador e membro do conselho editorial de vários periódicos.

O físico alemão tinha tudo para fazer uma longa carreira no IFSC. No entanto, resolveu apostar no novo, mais uma vez, em 2009. Deixou o posto na USP e obteve vaga de professor titular da UFABC, instituição recém-criada em Santo André, no ABC paulista. Na UFABC, ao lado do trabalho como professor e pesquisador, Capelle decidiu desenvolver outra habilidade, a de gestor. De 2010 a janeiro deste ano, ocupou o cargo de pró-reitor de Pesquisa da universidade. Em fevereiro tomou posse como reitor, posto para o qual fora eleito em dezembro de 2013. “Não sou reitor, estou reitor”, afirma o físico, cuja mulher é brasileira, formada na área de terapia ocupacional. “É uma experiência gratificante. Como professor, podia conseguir bolsa para um aluno. Como pró-reitor, para 100. Como reitor, a escala dos benefícios que posso conseguir para os estudantes se torna ainda maior.”